



Lúcia Simas

Em comemoração

Teófilo Braga (1843-1924)

o grande Esquecido (IV)

Nessa época, até as festividades religiosas na sua cidade natal, no Convento em que estava a jovem Maria José, eram evocadas com emoção e saudade. Aliás, através da sua correspondência, quer com a irmã, quer com a noiva que se tornará depois sua esposa, mostra como nunca gostou de Coimbra e sempre se lamenta quando lá tem de permanecer, adverso aos seus ares, queixando-se de múltiplas maleitas, sem interesse pela estúrdia juvenil e indisposto com os quartos incómodos que habitava contrafeito, ansioso depois por um regresso ao lar, junto da esposa e depois dos filhos, enaltecendo sempre a paz de sua casa e a felicidade que gozava junto da família, em termos de grande sensibilidade que mantém ao longo dos anos. Tinha de se ausentar muito, por causa dos exames e dos rendimentos que daí auferia. Ora ia a Santarém, ora a Viana do Castelo, ora ao Porto e a outros lugares, mas tem sempre presente o cuidado com os seus, a sua saúde e os pormenores que fazem o bem-estar do quotidiano familiar.

Teve uma grande alegria nas férias do Natal de 1864, quando foi a Lisboa para apresentar a sua peça “Repto a Gil Vicente” ao Director do Teatro D. Maria II e onde foi muito bem recebido entre os literatos, como António Feliciano de Castilho, Mendes Leal, Bulhão Pato e outros, conforme escreveu a Supico. À irmã refere mesmo como o entusiasmaram as palmas pela recitação da sua poesia “Stella Matutina” no Teatro S. João no Porto e que lhe deixaram uma impressão contraditória de satisfação contida e de confiança na sua «vontade de ferro».

Entretanto e paralelamente, Antero de Quental, que chegara mais novo e mais cedo a Coimbra, traçava um rumo nas Letras que se iria cruzar com Teófilo Braga. Trazia muitas vantagens de filho-família e da protecção influente do padrinho e tio, o lente Filipe de Quental, em casa de quem podia ficar. Apesar disso, preferia deambular pela casa dos colegas e para ele alunos como Teófilo eram os “ursos” que agradavam aos mestres e não participavam na vida académica e na boémia estudantil. Todavia conheciam-se, quase se diria que eram amigos, já que eram colegas, habitaram sob o mesmo tecto e para mais eram conterrâneos.

Teófilo Braga esteve envolvido na Questão Coimbrã, escrevendo o artigo “Teocracias Literárias” e manteve-se ao lado de Antero, sendo dito por Teófilo, mais tarde, que tudo começara por sua causa. Todavia tal facto é duvidoso, e o mais correcto será dizer que cada um teve a sua parte na luta pela polémica questão literária que levantaram contra o mestre, mentor das Letras em Portugal que não estava preparado para aquela nova poesia e menos ainda para novas ideias.

Castilho pontificava na literatura portuguesa de então. Mesmo que não pudesse estar a par das grandes mudanças do pensamento europeu da época e que se infiltravam cada vez mais no país, a sua obra, as suas traduções excelentes e o seu prestígio tinham aumentado muito. Uma das suas mais estranhas hostilidades foi contra o grande Vate, Camões, de quem ele começou desdenhar e a tecer considerações estranhamente depreciativas, considerando-o ultrapassado e decadente. Enaltecia então um tal Tomás Ribeiro, autor de “D. Jaime” poeta das suas preferências. Apesar do despropósito, não era criticado por isso e o certo é que a palavra de Castilho tornara-se importantíssima para qualquer escritor que se lançasse nas Letras e, quando o seu apoio era dado, passava a ser considerado aval definitivo para o futuro de um escritor.

Antero tinha também já escrito “Primaveras Românticas” (1865) e depois “Odes Modernas” em que se afastava definitivamente da sua própria poesia da mocidade, agora sob a influência de Victor Hugo, Michelet e tantos outros. Fora mesmo a Lisboa tentar encontrar um editor, e ler a Herculano que sempre admirou, bem como a Castilho, as suas poesias, conforme depoimento do seu amigo Alberto Sampaio que admite o facto de Antero ter ido a casa de ambos os escritores e que Castilho deve ter ficado horrorizado com os versos «duros e ásperos cheios de incorrecções, e o assunto extra poético que tratavam». Acrescenta ainda o amigo que Castilho e os seus amigos, depois da saída de Antero, devem ter ironizado e criticado ferozmente tais poemas!

Antero, que procurara o apoio do mestre, lhe lera os poemas como tantos outros o faziam, não estava numa situação tão livre e desobrigada como Teófilo que não procurara nem sequer sondara a opinião do

conceituado mestre. O orgulho de Antero saía mais ferido, pois tinha ido ter com Castilho tentando agradar-lhe e suscitara, pelo contrário, forte contestação.

Castilho ironizara em artigo de jornal a poesia de Teófilo, com tais encómios que revelavam a sua profunda hostilidade e diz:

«Vejo que há um génio divino que pretende manifestar-se e um profeta coroado de luz e incumbido de trazer às turbas as tábuas da lei nova; mentiria, porém, para dissimular a confissão da minha ignorância e pouquidade, se tivesse o arrojo de dizer que abranjo e compreendo já toda a sua doutrina, e a sigo em todos os seus assomos.

Cantor exclusivamente de amenidades mui terrestres e chãs e não me elevando quando muito senão às realidades palpáveis do ensino do povo, como caminho para melhores e mais agradáveis tempos neste mundo, nunca me sobram ócios nem cobiça, nem sequer, segundo julgo, capacidade para me engolfar nos oceanos sem fundo das filosofias transcendentais, por onde vejo que o espírito de V. corre a panos largos para mundos desconhecidos, e de que eu nem bem suspeito a existência».

Assim prossegue a sua carta aberta ao público e bem se nota como era ofensiva, vinda de quem era tão bem considerado pelos literatos e seus adutores que eram tantos.

Por tudo isso, ambos entram na “Questão Coimbrã” que atija como um rastilho de pólvora e tanto clamor causou nas letras em Portugal. Camilo toma a defesa de Castilho, mas esmoreceu depois o ânimo por não conseguir o almejado emprego público mais ou menos prometido. O pretexto foi uma doença de Ana Plácido que, em carta, diz estar quase moribunda mas não passava de um engenhoso meio de se libertar de compromissos com Castilho que desejava apoios na contenda de que saiu muito magoado.

Gomes Monteiro cita uma carta do poeta de “Visão dos Tempos” a seu amigo, Francisco Maria Supico em que narra o início destes acontecimentos, a partir do momento em que leu o livro de Pinheiro Chagas, “Poema da Mocidade”, com uma carta tipo prefácio escrita por Castilho e dirigida ao conhecidíssimo editor da época António Maria Pereira. O conceituado escritor cego dava a conhecer a sua predilecção por este poeta, preconizando dogmaticamente era ele quem devia ocupar a cadeira de Literatura Moderna.

Teófilo Braga fala de Castilho e como este justifica a sua escolha e beneplácito:

«...e daí exercer uma acção benéfica na crítica moderna, salvando a Literatura Portuguesa do contacto com o estilo coimbrão. Para caracterizar este estilo, Castilho servia-se dos nomes de Vieira de Castro, Antero de Quental, crucificando-me entre eles, pondo-me em foco. Nas suas palavras que se reduzem as três linhas, há apenas umas insidiosas ironias, e nada têm que provoquem uma réplica fulminante. Mas fiquei compreendendo donde soprava o vento. Quando menos esperava apareceu-me à porta da livraria, Antero...»

A resposta de Antero “Bom senso e Bom gosto” iniciou a polémica que incendiou o Portugal das Letras de então. Mas o poeta-filósofo, descontente com o assunto, afastou-se da luta. Apenas acrescentou um episódio romanesco do duelo que travou no Porto, com Ramalho Ortigão de quem, todavia, se tornou de novo amigo e companheiro no “Cenáculo”, mais tarde, em Lisboa.

Na época, Ramalho que iria tomar parte activa na contenda como paladino do poeta de “Os ciúmes do Bardo”, descreve assim o que então se passava:

«Estão-se dilacerando rancorosamente em Portugal duas seitas literárias a que chamam a Coimbrã e a Ulissiponense. Dizem de Lisboa que não percebem o palavroso e abstruso mistifório dos literatos de Coimbra. Gritam os de Coimbra que se lhe não dá com o paladar o palavrorio delambido dos literatos de Lisboa.

Continua